

A TRAJETÓRIA MUSICAL DE “BRITINHO” (RIO DE JANEIRO, 1935-1966)

VINICIUS CARVALHO VELEDA¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – veledavinicius@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho visa analisar a trajetória artística do pianista e maestro pelotense João Leal Brito (“Britinho”), 1935-1966. Britinho nasceu em Pelotas no ano de 1917 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1966. Em um primeiro instante buscaremos compreender como ele aprendeu música; como e em que condições começou a estudar piano; quais foram as influências de seu pai e irmão mais velho, João Campos e Rubens, respectivamente; como foi a sua carreira como músico profissional em Pelotas; como transferiu-se para a Rádio Guaíba em Porto Alegre. Depois, mostraremos a sua chegada no sudeste: na cidade de São Paulo e depois em Santos (ambas no ano de 1939). Contudo, a maior parte da pesquisa visa esclarecer como foi a trajetória de Britinho na então capital federal, Rio de Janeiro, entre 1941-1966. Nesta cidade, seu trabalho deixou mais indícios, pois lá encontrava-se a maior parte dos periódicos que possuíam coluna sobre “música popular”. Além disso, nesta cidade concentrava-se o maior número de rádios, de gravadora de discos, e também de boates e cassinos.

A pesquisa segue a linha metodológica de autores que trabalham com a construção de “trajetórias” e “biografias”, entre eles Giovanni Levi, François Dosse e Benito Schmidt. Como se trata do estudo da trajetória de um músico, não podemos deixar de estudar a chamada “Nova História da Música”, e autores como Arnaldo Contier e Marcos Napolitano.

2. METODOLOGIA

O seguinte trabalho é uma da síntese do anteprojeto conferido para ingresso no mestrado em História pela Universidade Federal de Pelotas em 2016. Teve como título: “O Britinho: interface entre sua biografia e música (Rio de Janeiro, 1935-1966)”.

Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa têm três frentes principais: a primeira é vinculada com a linha do estudo de “trajetórias” e “biografias” históricas, principalmente autores como, Pierre Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2000 e 2006), Carlo Ginzburg (2006), François Dosse (2009), Alexandre Karsburg (2014) e Benito Schmidt (2004). A segunda é relacionada a aspectos da interface da História com a Música e autores como Arnaldo Contier (1991) e Marcos Napolitano (2005). Entre uma frente e outra há ainda aqueles autores dedicados a ambas, ou seja, um estudo de trajetória ou biografia onde o personagem principal estudado seja um músico (cantor ou instrumentista), são obras como as de Alcir Lenharo (1995), Márcia Oliveira (1995), Maria Izilda Matos (2005) e Norbert Elias (1995).

Pierre Bourdieu (2006, p.184) cita duas “ilusões biográficas”, ou seja, duas interpretações equivocadas que biógrafos seguidamente cometem a respeito do biografado. Primeiro, o “fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão de uma

“intensão” subjetiva e objetiva de um projeto”. Segundo cuidado que Bourdieu refere-se é o perigo de compreender que o personagem possui uma:

“Vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio e razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo”.

Neste ponto, o autor ressalva para o cuidado em não considerarmos a vida do estudado como sendo inteiramente lógica, plana ou sem contradições internas. Além disto, devemos evitar argumentos generalizantes como “desde muito pequeno foi assim”, “desde sempre possuiu estes hábitos ou virtudes”. Outro ponto levantado pelo autor, é que não podemos entender uma trajetória sem reconstruir o contexto a “superfície social” em que agiu o indivíduo.

Giovanni Levi (2006, p. 175) ao criar uma tipologia das biografias, sugere um modo que chamou como “biografia e contexto”. Para ele “a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias”. O contexto ainda remete há duas perspectivas diferentes, “por um lado, a reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante”, e por outro lado o contexto “serve para preencher lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chamava-se João Adelino Leal Brito, conhecido popularmente como “Britinho”, ou ainda “Leal Brito”. Nascerá em 05 de maio de 1917 na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul e falecerá em 29 de setembro de 1966 aos 49 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro. Britinho foi um reconhecido e respeitado instrumentista (piano e violino), maestro, arranjador e compositor.

Nosso trabalho visa estudar a trajetória artística Britinho a partir de Pelotas (1935), passando por Porto Alegre (1936), cidade de São Paulo e Santos (1939), e, por fim, Rio de Janeiro (de 1941 até 1966), nesta cidade viveu por 25 anos. Durante este período e nesta cidade, tentaremos situar Britinho, mostrando como eram os diversos aspectos da música brasileira durante os anos de 1930-1960. Para construir a trajetória de Britinho utilizaremos variada tipologia documental: periódicos, discos (capas, canções de autoria de Britinho), fotografias, cartazes de boates, e também as “fontes orais”, com entrevistas cedidas por sobrinhos de Britinho.

Em Pelotas, Britinho residiu com os pais e irmãos em uma casa modesta, na rua XV de Novembro número 1037. Seu pai e mãe eram também pelotenses e chamavam-se Francisca Leal e João Adelino Campos de Brito. Nossa personagem foi o segundo filho de dona Francisca com seu João, o primeiro, Rubens Leal Brito, nascerá entre 1912-13 na cidade de Pelotas e morrerá precocemente, em 1949, em Campos do Jordão, interior paulista. Por volta de 1930-32 seu João Campos falece deixando a esposa e os dois filhos. Alguns anos mais tarde dona Francisca casa-se novamente, agora com Tertuliano Velleda. O casal tem então mais três filhos: Oscar, Ondina (Dadá), Fernando.

O pai de Britinho, João Campos, foi professor particular de piano na cidade Pelotas e também professor na Banda União Democrata. Deste modo, ele ensinou aos filhos, Rubens e João, teoria musical e aprendizagens práticas,

primeiramente com o violino e depois o piano – seja através ensino em casa ou nas aulas da Banda União Democrata. Na adolescência os “irmãos Brito” tocavam piano a quatro mãos em Pelotas, animando festas e bailes. Rubens Leal Brito também foi pianista de prestígio, contudo sua trajetória não deixou resquícios tão evidentes, como no caso de seu irmão mais novo. Sabemos que Rubens foi respeitado pianista em Porto Alegre no início dos anos de 1930, atuando em cafés concerto na Rua da Praia e também na Rádio Farroupilha, já em meados de 1935. Das suas músicas que chegaram até nós, destacam-se sempre choros e valsas, entre as mais conhecidas estão: “Modulando” (gravadas por Altamiro Carrilho, Benedito Lacerda, Pixinguinha), “Evocação”, “Não troquemos de mal” e “Romance de uma valsa”. Podemos considerar que os irmãos mantiveram laços mais estreitos em função da música entre o período que vai de 1927 (quando começaram a aprender música pela União Democrata) até 1939, quando os irmãos atuaram em Porto Alegre.

João Leal Brito – “Britinho” - começou a carreira em sua terra natal em meados de 1935, aos 18 anos de idade, tocando em festas de aniversário em uma orquestra típica. Mas logo transferiu-se para a capital gaúcha Porto Alegre em 1936 (este contrato foi conseguido com auxílio do seu irmão Rubens, amigo de Paulo Coelho), aonde foi contratado pela Rádio Farroupilha para substituir o famoso pianista Paulo Coelho, conhecido como “O Gordo”. Nesta rádio liderou um programa de jazz. Em seguida deu continuidade a sua carreira na cidade de São Paulo, já em 1939, atuando em diversas boates e rádios na capital paulista. Transferiu-se para a cidade de Santos no final do mesmo ano, quando foi contratado para ser pianista na orquestra de Mário Silva. Contudo, é a partir de 1941 que conhecemos com mais clareza a trajetória artística de Britinho, pois passa então a atuar em diversos locais na cidade do Rio de Janeiro, entre: boates, cassinos, clubes, rádios, teatro de revista, gravando discos, e demais eventos que necessitassem a música como atração.

É da cidade do Rio que possuímos mais vestígios documentais acerca da atuação artística de Britinho. Seja através das programações diárias das rádios (Rádio Globo, Rádio Clube do Brasil, e sobretudo, Mayrink Veiga), através das manchetes sobre as boates ou cassinos, geralmente sobre as atrações e os comentários ou críticas sobre a “noite de Copacabana” (boate Vogue, Perroquet e Casablanca, Cassino do Copacabana Palace, entre outros). É também por uma gravadora carioca que Britinho lançou sua primeira gravação mecânica (em disco de 78 rotações por minuto com uma faixa por face do disco), através da “fábrica” Todamérica, em 1951, com os choros de sua autoria: “Foi sem querer” e “Machucadinho”.

No Brasil, os anos de 1930, 40 e 50 são conhecidos como a “era de ouro do rádio”, destacando-se emissoras do Rio de Janeiro como a Mayrink Veiga e a Nacional, que situava o país com a capital federal. O Rio era a sede do governo, mas também considerado a “capital do bom gosto”, um centro que lançava modas, padrões estéticos, comportamentos. Durante as décadas de 1940-50 as rádios se propagaram pelo país e ocupavam cada vez mais a vida das pessoas, informando-as, divertindo-as, emocionando-as (o rádio jornal, a novela, os programas de auditório) a elas se somavam a circulação nacional do disco, publicações especializadas (como a Revista do Rádio, Cinelândia, PRA-9, A Noite), os cinemas americanos e nacional. Nesse período o rádio divulgava um samba considerado diferente ritmicamente e poeticamente aproximava-se da música americana. O mercado musical radiofônico e fonográfico expandia-se fortemente. O samba “transformado” convivia nas rádios com a música internacional (rumbas, boleros, foxtrotes). O samba torna-se mais lento ou

“abolerado”, como dizia-se na época, além disso, as letras passam a centrar em temas dor-de-cotovelo. O novo samba foi então chamado de samba-canção e dominava a noite como música de boate (MATOS, 2005, p. 63-65).

4. CONCLUSÕES

Referindo-se para os biógrafos, o historiador francês François Dosse (2009, p. 59) recomenda: “tua vida é escrita em dó menor ou em sol maior. O biógrafo deve recuperar esse tom”. A partir das fontes que possuímos precisamos olhar com mais atenção para os locais onde Britinho atuou, a relação deste ou daquele estabelecimento com os intelectuais, os artistas e políticos da época. A atividade artística de Britinho no Rio de Janeiro entre 1941-1966 foi rigorosamente intensa, o que aumenta o desafio de estuda-lo. Precisamos agora recolocar Britinho em seu tempo e lugar específicos e reconstruir parte de seu momento histórico para dar a luz a sua trajetória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (pp. 183- 92).
- CONTIER, Arnaldo D. Música no Brasil: História e Interdisciplinaridade. Algumas interpretações (1926-80). In: **Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional dos Professores de História/ ANPUH/ História em Debate: problemas temas e perspectivas**. Rio de Janeiro, 22 a 26 de junho de 1991.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KARSBURG, Alexandre. **O eremita das américas**: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014.
- LENHARO, Alcir. **Cantores do rádio**: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- LEVI, Giovanni. **A Herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (pp. 167-82).
- MATOS, Maria Izilda. **Dolores Duran**: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: história cultural da música popular. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- OLIVEIRA, Márcia R. **Lúpicínio Rodrigues**: a cidade, a música, os amigos. 1995. 262 p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.
- SCHMIDT, Benito. **Em busca da terra da promissão**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinka, 2004.